



TERRA DO MEIO: da Rio+20 à COP30

Cristina Avila Esp.CB/DA Press



Rosana Santos busca quase todos os dias alimentos na selva. Sempre de olho nas onças e perigos das matas mais biodiversas do planeta

Fauna e flora sofrem agressões. Mineração ilegal contamina águas em muitos pontos da Resex Riozinho do Anfrísio

“Na verdade, o Riozinho está hoje só uma tira de mato”, contou-me um dos ribeirinhos que acabou se escondendo na semana passada nas matas por conta de ameaças, no sudoeste do Pará. “O resto é trabalho de fazendeiro, as pessoas botando colono e loteando, grilando terra. Essa é outra questão bem complicada. O pessoal atravessa a Flona (Floresta Nacional do Trairão) está dentro da reserva, daqui a pouco, os caras chegam e botam os moradores pra fora. Um tempo desses fui ao ICMBio, com a gestora e expliquei sobre isso”. Segundo ele, a reserva também está sendo invadida por garimpeiros, no rio e em grotas. “No Riozinho tem uma tal grota da Aurora, nesse lugar chamado Fortaleza, a grota é tipo um igarapé. Teve época que chegou a morrer peixe, jacaré, por contaminação. Agora já estão do outro lado, um garimpo chamado Pesquisa. Hoje não se criam curutelas (acampamentos estruturados), trabalham escondido por causa do ICMBio, com retroescavadeiras. Está bem pior mesmo. A água, quando o rio seca no verão, fica verde, da cor da folha do mato”.

Entre as 11 unidades de conservação (UCs) da Terra do Meio, administradas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), três são reservas extrativistas — Riozinho do Anfrísio, Rio Xingu e Rio Iriri — heranças da luta de Chico Mendes, seringueiro do Acre que as idealizou para proteção ambiental de uso sustentável da natureza, ou seja, admitem moradores e suas atividades de extrativismo e agricultura familiar, desde que haja respeito à biodiversidade. O termo que denomina a região não é uma delimitação oficial, e é usado em projetos governamentais e não governamentais e pelos próprios indígenas e ribeirinhos de acordo com situações específicas, podendo incluir ou não todas essas UCs e TIs.

“A gente tem notícias dos alertas monitorados pelo governo federal de uma explosão de alertas de garimpos justamente nesta região de

Cristina Avila Esp.CB/DA Press.



A seringueira ainda contribui com a economia na reserva

interflúvio do Tapajós com o Xingu”, afirma a coordenadora de Proteção Territorial do Programa Xingu, do ISA, Luísa Molina. “Durante o primeiro semestre de 2025, foi uma consternação dos beiradeiros em relação à rapidez com que o garimpo estava se expandindo ali”, soletira a antropóloga, ao se referir ao Pesquisa. “Soubemos do Ministério Público Federal e do próprio ICMBio que as operações que estavam acontecendo, principalmente no Pesquisa, não conseguiram chegar, de fato, na região de modo incisivo por problemas logísticos. A outra coisa é que o ICMBio está com esforços concentrados na Estação Ecológica Terra do Meio. Eles falam com todas as letras, ainda que o Riozinho esteja nessa situação crítica. Falta gente, segundo eles”.

A analista de Geoprocessamento do ISA, Thaise Rodrigues, afirma que a atividade vem se intensificando nos últimos dois anos no Riozinho e há, também, “enormes garimpos na Floresta Nacional de Altamira, na Terra Indígena Curuaia, Floresta Estadual do Iriri, inclusive reativados este ano com novos focos que não existiam antes”. Ela acrescenta que também foi identificado novo foco na Resex Terra do Meio. Há, ainda, na Terra Indígena Trincadeira/Bacajá, “que é antigo e vive sendo reativado”. Segundo Luísa Molina, as pessoas estavam angustiadas, e o problema cresce ainda com os atuais preços do ouro em alta no mercado internacional. “O Pesquisa veio nessa esteira. Ela revelou que ribeirinhos ouvidos em maio alertaram

Cristina Avila Esp.CB/DA Press



Chiquinha quer Bolsa Verde: "somos funcionários sem salário"

que se não houver fiscalização, de fato, haverá moradores que poderão aceitar trabalho nos garimpos.

Na floresta rica, vida de extrema pobreza

“A gente pisa em terra rica e está na extrema pobreza. Aqui ninguém tem a dignidade de um banheiro e nem água potável pra beber”, reclama Chiquinha Rodrigues Lima, mulher de 43 anos, nascida e criada na Estação Ecológica da Terra do Meio (Esec), um dos pontos mais longínquos de quem sai da cidade de Altamira, chegando pelo rio Iriri ainda no Pará, uns 800 km. Segundo se diz por lá, esse é o maior município do mundo. A casa dela fica em Altamira, mas pegando

uma estrada de terra que desemboca no rio, ela chega por uns 300 km na também paraense zona urbana de São Félix do Xingu.

Em dezenas de moradas onde estive para fazer esta matéria, em apenas uma havia banheiro dentro de casa, em todas as outras se usava o mato para fazer cocô e xixi. Na época de chuva, as cheias do rio em algumas localidades chegavam nos buracos usados como sanitários. Isso significa que os dejetos são misturados ao rio, onde ribeirinhos e indígenas usam embarcações para pegar a água de beber o mais longe possível das margens. Alguns têm motores pra puxar a água. A única diferença em ter motor é a facilidade de levar a água pra dentro de casa, mas é a mesma água. Nesses períodos de chuvas, é

possível conseguir água sem contaminação em igarapés ou tentar tratamento doméstico, mas não é uma garantia. Em igarapés também ocorrem as contaminações pelos rejeitos de garimpos.

Embora a Esec seja uma unidade de conservação de proteção integral com visitas restritas a fins educativos e a pesquisadores, Chiquinha diz que sua família e cerca de outras 15 são admitidas como moradoras pelo ICMBio por serem nascidas e viverem ali há várias gerações no mesmo lugar. Mas têm muitas regras a cumprir, há restrições até mesmo de entrada de insumos importantes. “Melhor assim, pois pelo menos diminuiu o tráfico de drogas”, me disse alguém que eu prefiro deixar no anonimato.

O órgão ambiental federal montou uma base de fiscalização na Estação Ecológica, nas proximidades do Rio Curuaá na foz do Iriri. Mesmo assim, a pressão de invasores persiste, com focos de desmatamentos, queimadas, grilagens, que penetram por diversas trilhas abertas nas unidades de conservação. Nesta parte do rio, durante o meu trajeto, de carona com padres de Altamira que viajavam para fazer casamentos e batizados — encontramos uma balsa de garimpo de ouro. Os padres imediatamente me advertiram: “Nada de fotos”. É preciso muita cautela para não levantar suspeitas de criminosos. Todos na Terra do Meio sabem que navegar no Iriri pode ser um risco de vida, e quanto mais se sobe o rio mais perigos podem surgir. Nas derrubadas de matas e onde há exploração de minérios, pior ainda.

“Somos funcionários do governo sem salário, e vivemos como índios”, exclama Chiquinha, falando que aprenderam com os indígenas a sobreviver, nas décadas de convivência na floresta. “Meu sonho é ter leite na mesa. Carne de gado é luxo”. Ela ressalta que a presença dos ribeirinhos contribui para evitar invasores e a depredação do meio ambiente, e diz que deveriam receber incentivos como o Bolsa Verde, programa do governo federal que realiza pagamentos por serviços ambientais a famílias que vivem em territórios tradicionais no país.

Cristina Avila/Esp.CB/DA Press



Raiza conversa sobre clima da casa do cacique Raoni

COP30? Só caminhada em Belém?

Raiza. Assim, com som de z, é o nome da beiradeira de 21 anos originário da palavra raiz, que já é uma palavra feminina, mas ela faz questão de ressaltar a flexão da vogal pra ser ainda mais explícito o gênero mulher. Com a filha Flora ainda gestando na barriga de sete meses, em 26 de agosto, saída da Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio, foi encontrar o cacique Raoni — foi ele quem a chamou para uma conversa onde mora, na Terra Indígena Capoto Jarina, em Mato Grosso. Na última hora, o guerreiro conhecido no mundo

pela defesa das culturas milenares dos povos originários quase a deixou ali na beira do Rio Xingu, por causa de um compromisso de última hora do movimento indígena nacional. “Não. Eu vim atendendo ao seu chamado, e não posso sair daqui sem tratar com o senhor sobre a aliança dos povos pelo clima, criada pelo senhor”. Assim, o cacique se convenceu da importância de ficar um dia inteiro a mais na aldeia Mupá, Kayapó, onde acontecia um encontro internacional de povos das florestas, em união de forças para os debates

da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30), que será realizada em novembro, em Belém (PA).

A jovem ribeirinha faz parte da diretoria estadual paraense do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), já sofreu violência doméstica e aprendeu cedo que é necessário lutar pela proteção das mulheres nas florestas. Também já foi ameaçada de morte, por ter dito palavras em Brasília que foram ouvidas na Terra do Meio. No momento, Raiza Luna Oliveira se prepara para os debates

que acontecerão na capital paraense. Ela é neta de Herculano Porto de Oliveira, hoje com 81 anos, que teve a cabeça a prêmio enfrentando grileiros na criação da Resex Riozinho do Anfrísio, nascido e criado na Terra do Meio, filho de um soldado da borracha que chegou na região em 1940. O tio-avô dele, tataravô de Raiza, já trabalhava lá com a seringa. “Precisamos dar visibilidade ao que acontece aqui. Queremos falar por nós mesmos. Queremos ser ouvidos”, exclama ela: “Não queremos ir pra COP30 só fazer caminhada e protesto na rua.”